

UM DE CADA VEZ

JAROLDEEN EDWARDS

Era um dia muito frio e chuvoso e eu não tinha a menor vontade de dirigir da praia até a montanha gelada em Lake Arrowhead, onde minha filha Carolyn morava.

Uma semana antes, ela telefonara insistindo que eu fosse ver os narcisos que algumas mulheres tinham plantado no alto da montanha. Assim, aqui estava eu, fazendo, relutante, a viagem de duas horas.

Quando vi como o nevoeiro estava espesso na estrada cheia de vento que levava ao alto, já estava longe demais para voltar.

Então, avancei pela perigosa autoestrada chamada Aba do Mundo, na direção da casa de minha filha.

- Não dirijo nem mais um metro! - anunciei. - Vou parar e almoçar e, assim que o nevoeiro baixar, vou descer.

- Mas eu preciso que você me leve até a garagem para eu pegar meu carro - Carolyn disse. - Não podemos pelo menos fazer isso?

- Quanto tempo até lá? - perguntei, prudente.

- Uns três minutos - ela respondeu. - Deixe que eu dirijo, estou acostumada.

Depois de dez minutos de estrada e olhei para ela ansiosamente.

- Entendi você dizer que era coisa de três minutos.

Ela sorriu:

- É um desvio.

Voltamos à estrada da montanha, com um denso nevoeiro.

"Nada pode valer isso", pensei. Mas era tarde demais para voltar. Dobramos num caminho estreito que levava a um estacionamento ao lado de uma pequena igreja de pedra. O nevoeiro começava a ceder e uns raios de sol, ainda fracos, num lusco-fusco, tentavam passar por ele.

Carolyn saiu do carro e eu, relutante, a segui. O caminho que seguimos era cheio de agulhas de pinheiros. E a montanha se derramava bem à direita.

Aos poucos, a paz e o silêncio do lugar começaram a relaxar minha mente. Foi quando, virando uma curva, prendi a respiração, maravilhada. Do alto da montanha, descendo por vários acres entre recôncavos e vales, entre árvores e arbustos, seguindo o terreno, havia rios de narcisos de um viço radiante. Cada matiz do amarelo - do mais pálido marfim ao mais profundo limão até o mais vivo salmão-laranja - resplandecia como um tapete à nossa frente.

Era como se o sol tivesse deixado cair gotas de ouro em riachos montanha abaixo. No centro dessa coloração fantástica havia jacintos roxos, que caíam como em cascata. Por todo o jardim havia plataformas para meditação, enfeitadas com barris de tulipas cor de coral. E como se essa mina de cores não bastasse, acima dos narcisos, azulões se moviam rapidamente e brincavam, com seus peitos cor de magenta e asas de safira, como se fossem joias em movimento.

Uma profusão de perguntas encheu minha mente: Quem criou tal beleza nesse lugar afastado? Quanto tempo levou para fazer um jardim tão magnífico? Como?

À medida que nos aproximávamos da casa que ficava no centro da propriedade, vimos um cartaz: Respostas às perguntas que eu sei que você está fazendo.

A primeira resposta era Uma Mulher - Duas Mãos, Dois Pés e Muito Pouco Cérebro. A segunda era Iniciado em 1958. E a terceira, Um de Cada Vez.

Voltando para casa, fiquei em silêncio no carro. Estava tão emocionada com o que vira que mal podia falar.

- Ela mudou o mundo - eu disse finalmente. - Um bulbo de cada vez. Pense só. Ela começou há mais de cinquenta anos.

E o mundo ficou para sempre diferente e melhor porque ela fez um pouco com um esforço constante.

A maravilha que eu presenciara não me saía da cabeça.

- Imagine se eu tivesse tido uma visão e trabalhado nela, um pouquinho a cada dia, por todos esses anos perdidos. O que eu teria realizado?

Carolyn me olhou de lado, sorrindo.

- Comece amanhã - ela disse. - Melhor ainda, comece hoje.

Se eu tivesse dois pedaços de pão, eu venderia um e compraria jacintos,
porque eles alimentariam minha alma.

ALCORÃO